

REVISTA
PORTUGUESA
de HISTÓRIA

tomo XXXI

**Homenagem ao Doutor
Salvador Dias Arnaut
Volume I**



COIMBRA 1996
FACULDADE de LETRAS
da UNIVERSIDADE de COIMBRA
INSTITUTO de HISTÓRIA ECONÓMICA e SOCIAL

DOUTOR SALVADOR DIAS ARNAUT*

JORGE DE ALARCÃO
(Universidade de Coimbra)

A Câmara Municipal de Penela deliberou homenagear um dos seus mais ilustres conterrâneos: o Doutor Salvador Dias Amaut. Direi: um dos nossos mais ilustres conterrâneos. Não sendo eu daqui natural, aqui tenho raízes ancestrais, algumas terras que por herança me ficaram e uma casa que não quis morressé resignada como esse convento de Santo António inutilmente apodrecendo ali à saída da vila.

Foi de certo esta minha sentimental naturalidade que levou V. Ex^ã., Senhor Presidente da Câmara, a convidar-me a proferir o discurso de elogio do Doutor Salvador Dias Amaut.

Não sei se terá escolhido com acerto o orador. Outros poderiam vir aqui falar com mais rigor da obra deste homem a quem, há 30 anos, tive por professor e tenho, há 22, por colega; outros, com mais directo conhecimento do que foi sua vida, melhor do que eu a contariam.

***Discurso proferido no Salão Nobre da Câmara Municipal de Penela, por ocasião da homenagem que o concelho prestou ao Professor Doutor Salvador Dias Amaut no seu septuagésimo aniversário.**

Quis V. Ex^â. insistir no convite. Aqui me tem, grato por ter insistido e algum tanto, confesso, comovido.

O que aqui nos reúne, será admiração e um certo orgulho que sentimos, nós os do concelho, por termos tão insigne conterrâneo. Mais do que isso, porém, o que nos une é a estima que pelo Doutor Amaut todos temos, a gratidão que lhe devemos.

Há homens que não são, nunca, para ninguém, solução; não sabem dar uma ajuda, nem que seja só conforto no momento que convém; não sabem nunca ser o abraço que nalgum cruzamento da vida nos faz falta.

Ora o Doutor Amaut, muito pelo contrário, é homem a quem sempre o infortúnio dos outros compadeceu; sempre se doeu das outras mágoas, sempre com alheias alegrias exultou; nunca negou seu auxílio a quem dele necessitou. O franciscano amor que declara não é figura falsa de retórica ou sentimento fingido; é sentimento sentido.

Há homens que, do seu saber, fazem segredo ou comércio; do seu dinheiro, fortuna e nunca esmola. O Doutor Amaut, porém, sempre foi pronto a prestar ajuda aos outros; sempre comunicou o seu saber quando aos outros podia ser prestável.

Talvez sua primeira profissão de médico assim o tenha feito generoso, mais do que já era por natural inclinação. Ele próprio escreveu um dia que a “Medicina incute funda maneira de ser”.

Licenciado em Medicina, em 1940, nas terras deste concelho exerceu, durante um ano, a profissão de médico. Tomou de novo a Coimbra, onde continuou a clínica. Foi médico da Delegação de Saúde e professor da Escola de Enfermagem da Rainha Santa Isabel.

Sem deixar a profissão que seu pai, farmacêutico, lhe destinara, resolveu frequentar, na Faculdade de Letras, o curso de Ciências

Históricas e Filosóficas. Aqui tirou sua segunda licenciatura, em 1951. E de forma tão brilhante, que logo foi contratado como assistente e encarregado de leccionar História de Portugal e História dos Descobrimentos e da Colonização Portuguesa. Assim o tive como professor há 30 anos.

A história que o Doutor Arnaut nos ensinava era uma história diferente, que agradava. História dos reis, sem dúvida, história de suas batalhas e andanças, seus amores, suas desavenças com bispos. E de todos conhecido o interesse do Doutor Arnaut pelos amores de D. Pedro e D. Inês. São muitas as páginas que escreveu sobre o mais belo episódio da nossa história medieval. Alguns poderão tomar esse interesse por gosto só do miúdo e do efêmero. Doutra forma, porém, eu o entendo. Os reis são reis quando põem cerco às cidades, decretam quebra da moeda, convocam cortes, decidem construção de muralhas ou de igrejas; os reis são homens quando, tal D. Sancho ou D. Dinis, escrevem versos ou quando apaixonadamente amam, tal D. Pedro. Neste interesse do Doutor Arnaut por D. Inês, por aquela que, na ausência do amado, declarava às fontes e às ervinhas o nome que no peito escrito tinha, leio eu a profunda humanidade de quem, prezando na sua vida as amizades mais que tudo, não pode ficar insensível aos episódios sentimentais da História. Mas não a quaisquer episódios sentimentais. Se fosse o cronista da miúda história sentimental de Portugal (e teria, por certo, muitos leitores), teria consagrado parte do seu tempo e dos seus estudos aos livros velhos de linhagens. As histórias de mancebia dos livros velhos, os contos de rapto e violência, nunca, porém, lhe interessaram porque não têm aquela dimensão dos régios amores de D. Pedro. Só destes se ocupou porque entraram na nossa memória colectiva e se tomaram modelo de história sentimental.

Como dizia, a história de Portugal que o Doutor Amaut nos contava, em muito nos agradava. Porque não era só história dos homens, mas história da terra. Os seus primeiros trabalhos publicados, ainda antes da sua licenciatura em Letras, são estudos sobre esta região de Penela e Ansião: *Penela. Notas àcerca de um centenário*, 1937; *Ladeia e Ladera. Subsídios para o estudo do feito de Ourique*, 1939. Posteriormente à conclusão do seu curso de História, publicou outros estudos: *Região do Rabaçal. A terra e o homem*, 1955; *Novas achegas para a história da Ladeia*, 1957; *Terras de Ansião. Um pouco da sua história*, 1964; *Penela na obra de dois escritores (Fernão Lopes e Eloy de Sá Sotto Maior)*, 1966; *O Castelo de Germanelo*, 1982; *Penela, história e arte*, 1983 (de colaboração com o Doutor Pedro Dias).

Por estes seus trabalhos, o Doutor Arnaut insere-se numa corrente bem moderna da historiografia. Não é aquele medíocre investigador local que passa a sua vida a estudar, sem perspectiva, a pequena história da sua terra. A personagem central do primeiro romance de Sartre é um historiador deste tipo. Vivía numa pequena cidade de província e passava seus dias solitários no arquivo, a elaborar a biografia de não sei que medíocre, embora influente, figura local. Quando um homem assim vive, sem falar, sem amigos, todo votado ao estudo de um tema medíocre, descobre um dia o que esta personagem de Sartre com funda náusea sentiu: o absurdo da existência, a perfeita inutilidade da investigação.

Ora o Doutor Amaut tratou a história local com uma intenção mais válida e uma perspectiva mais ampla. Procurou, nos seus trabalhos sobre Penela, o Rabaçal, Ansião, mostrar como é que os homens foram progressivamente organizando o seu território e humanizando a natureza.

Numa época em que a paisagem se vê destruída e a terra

atraçoada, numa época em que os projectos de reordenamento territorial são (ou deveriam ser) a preocupação fundamental das autarquias, os estudos históricos sobre a organização territorial adquirem fundamental importância.

A admiração não exclui a crítica, sobretudo quando esta se toma convite ou apelo. Por isso direi que foi pena o Doutor Arnaut ter considerado esta investigação regional como secundária relativamente aos trabalhos modelares que escreveu sobre aspectos da crise de 1383-85: *A batalha de Trancoso*, que lhe mereceu o Prémio Alexandre Herculano; *A crise nacional dos fins do século XIV*; *Algumas notas sobre a batalha de Aljubarrota*.

“Um pouco da história destas terras é o que me proponho aqui expor” (disse o Doutor Arnaut no início de um pequeno estudo sobre Terras de Ansião). Mas porque expôs pouco, sabendo tanto?

Para fazer a história da progressiva humanização do território, não basta conhecer os documentos e saber a geografia: é preciso amar a terra. Esta qualidade não falta ao Doutor Arnaut, antes, pelo contrário, lhe sobeja. Não tem olhos empedrados. Facilmente se comove diante da natureza, e nesta comoção envolve os montes e as gentes, os bichos e as coisas. Olhar não é só ver, mas um caminho para amar.

Ouçamos como descreve a região do Rabaçal:

“O solo, de natureza calcária, sofre os tormentos da sede nas estiagens. É, além disso, muito pouco fértil. Na verdade, quem visitar a região dificilmente deixará de colher uma profunda sensação de pobreza. Os altos dos montes sem árvores, apenas forrados por um mato ralo e rasteiro; as planícies, os campos de cultura, com raro arvoredado, tanto dele raquítico, enfezado; de distância a distância, como que milagre no meio da aridez, um poço com gaivota, uma fonte de mergulho, um povoado... Nos dias quentes de Verão o Sol parece rei absoluto daquelas

terras. Chega a ser insuportável. Sob a incidência dos seus raios as pedras queimam, estalam, e são outras tantas fogueiras a aquecer, a quase tomar irrespirável a atmosfera. Nos caminhos de pedra movediça ou de leito rochoso, firme, coberto de pó cinzento estagnado, nem viva alma! Nem uma sombra! Milhares de cigarras por toda a parte, nos trigais, no leito seco dos arroios, nos montes calcinados, cantam monotonamente o seu hino ao Sol.”

Na descrição das terras do concelho, terras habitadas, moiradas, transparece a sensibilidade de quem se entristece com a natureza agreste e se alegra com o ouro das searas. A sensibilidade de quem tanto ama o verde surdo dos pinhais como o viçoso dos trigais na primavera; o grito rouco dos corvos, o restolhar das perdizes (ainda as há nestes montes), as conversas dos pardais, ou esses sons que agora são já só recordações, como o lamento das noras ou o martelar das azenhas.

Leitor assíduo de Femão Lopes, o Doutor Amaut é-o também de António Nobre, Eugênio de Castro, Eça de Queirós. Um dos seus primeiros trabalhos publicados versou exactamente a paisagem coimbrã no *Só* de António Nobre.

Poeta, como poucos, sensível à paisagem, António Nobre sentia a religiosidade das tardes na estrada dos Olivais, ou a alegria de uma povoação como Tentúgal, que admiravelmente definiu como “terra toda a rir de casas brancas”. Vão rindo cada vez menos as aldeias e vilas, porque a cor que é de alegria agora se toma como confissão de pobreza e são cada vez menos os que optam pelo sal da caiação.

A frequência dos clássicos é leitura donde sempre tiramos grande proveito. Triste é o historiador que passa sua vida debruçado só sobre documentos de notários. No caso do Doutor Amaut, essa

leitura não só lhe apurou o estilo como lhe conformou o carácter.

Um outro traço define o nosso homenageado: o seu não envolvimento na política. Não direi que seja um mérito; mas é uma opção legítima, e neste caso, demonstrativa de que o seu interesse foi sempre, e acima de tudo, a Faculdade de Letras onde desde 1952 tem ensinado. Os seus cargos foram apenas de natureza académica: representante dos seus pares ao Senado Universitário, director do Instituto de Estudos Ultramarinos, vice-director da Faculdade de Letras.

Esta posição apolítica claramente deriva de um profundo desejo de concórdia; tão inequivocamente manifestado e vivido em actos sempre de forma tão sincera, que todos prezam a sua companhia, os de direita, como os de esquerda.

O desejo de concórdia deriva da franqueza do coração; enquanto expresso no interior da Faculdade de Letras, teve como objectivo o progresso da Universidade. Poucos terão sido tão leais e devotados à instituição. Essa devoção à Universidade e às tradições académicas, até na escolha da própria residência se manifesta. Sempre conheci o Doutor Arnaut residente na Couraça de Lisboa, ali bem perto da Universidade, naquela calçada de empedrado antigo que desce a par da muralha medieval de Coimbra. Não foi certamente apenas por comodidade que dali se não mudou; talvez esta proximidade, que lhe poupa percurso, tenha pesado algum tanto; mas, para o Doutor Arnaut, mais importante do que viver a dois passos do trabalho, é viver no que resta da antiga Alta de Coimbra, tão demolida, tão desfigurada, mas conservando ainda um resto do seu encanto, sobretudo para quem a conheceu no passado e a pode ainda recompor na imaginação. E depois, que vista soberba sobre o rio, sobre o Botânico, a Quinta das Lágrimas, a Lapa dos Esteios e os montes que uns atrás dos outros se perfilam,

cada vez mais distantes, mais imprecisos (os últimos, não sabe já a gente se os vê ou se apenas os imagina).

Eugênio de Castro, com quem o Doutor Amaut privou, dizia que não havia paisagem mais linda que esta serra azul da Lousã, que no S. João do Deserto se despede.

A nossa terra, senhoras e senhores do concelho de Penela, tem encantos que justificam este amor do Doutor Amaut por esta pequena pátria onde nasceu. Pequena pátria outrora tão importante com seus castelos de Penela e do Germanelo, vigilantes numa estrada que foi das principais de Portugal. Pouco a pouco se foi esquecendo a história do concelho, enquanto as ameias do Germanelo tombavam, e atrás das ameias, os muros. O Doutor Amaut recompôs a história e o castelo, e deu-nos com isso um exemplo de devoção à tena, que devemos tomar todos como lição.

Doutor Amaut: tantas homenagens que depois da sua jubilação já recebeu, são prova de que o não queremos ver partir, deixando-nos a nós no cais; a que agora lhe prestamos nesta sua terra de Penela é uma maneira de lhe dizermos, uma vez mais, em público e em conjunto, o que cada um de nós, em particular, sente: que o admiramos muito e sinceramente o estimamos.